

## **ESPAÇO, CULTURA E O URBANO: PARA ALÉM DOS LIMITES METODOLÓGICOS DOS ESTUDOS SOBRE A REDE URBANA NA AMAZÔNIA DOS GRANDES RIOS<sup>1</sup>**

**W. R. Costa Júnior, T. Schor**

### **RESUMO**

Apesar da estreita relação entre cultura e urbano, nenhuma reflexão foi estabelecida sobre esse par de temas pela geografia cultural norte-americana e tampouco pela geografia crítica a partir dos anos 1970. Esta pesquisa teve como principal objetivo analisar quais os limites metodológicos dos estudos de rede urbana no Brasil, e em especial na Amazônia. Trata-se de uma pesquisa com base em análise documental e comparativa de três perspectivas teórico-metodológicas (IBGE, ReCiMe e NEPECAB) sobre a rede urbana no Brasil, e em especial na (ou para a) Amazônia. Como os estudos de rede urbana enquadram-se na geografia urbana, assim como a cultura é foco de investigações da geografia cultural, logo procedeu-se à análise partindo-se de uma breve revisão de três linhas de pesquisa na geografia para, por conseguinte, evidenciar-se a necessidade de uma nova perspectiva teórico-metodológica capaz de explicar o impacto da cultura na rede urbana.

### **1 INTRODUÇÃO: A INCESSANTE BUSCA DA COMPLETA (E COMPLEXA) RELAÇÃO ENTRE AS CIDADES**

A cultura e o urbano se constituem num amálgama complexo. Discutir a cidade, a rede urbana e o processo de urbanização desconsiderando-se as manifestações culturais como aspectos que, estando também nas bases de suas origens, os tornam complexos, é tão difícil quanto analisar a cultura sem entendê-la como dimensão que se materializa cotidianamente nas diferentes escalas do urbano. Se as condições para a existência de uma rede urbana são os fixos, os fluxos e a divisão territorial do trabalho, conforme Corrêa (2006a), logo, a rede urbana se constitui em condição e expressão cultural (Corrêa 2007) em decorrência da complexidade com que a cultura, transformada em indústria, insere-se no mundo do dinheiro, das mercadorias e do capital, segundo Harvey (2007).

O papel que as cidades detêm na rede urbana não decorre só e diretamente das atividades econômicas e das ações no plano político, mas também à capacidade dessas cidades se constituírem em centralidades no processo de transformação cultural de outras cidades e aglomerados humanos em seu redor. As influências culturais não são irradiadas somente a partir das cidades globais, como afirma Corrêa (2006b), pela duplicação, desvio e fusão de

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa é parte da pesquisa de mestrado em andamento “A Cultura e o Urbano: Parintins-Am e os aspectos culturais da rede urbana na calha Solimões e Amazonas”, inserida no projeto maior “O impacto da consolidação do pólo industrial de Manaus nas cidades do Amazonas: o caso de Itacoatiara e Parintins” (Edital MCT/CNPq/CT- Amazônia/ Baixo Amazonas/ Processo 575780/2008-8) do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira- NEPECAB, e desenvolvida sob a orientação da Prof. <sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tatiana Schor junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia- PPG-GEOG da Universidade Federal do Amazonas- UFAM, Amazonas, Brasil. O autor é bolsista de mestrado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior-CAPEs.

padrões culturais<sup>2</sup>. Num mundo cada vez mais complexo, híbrido e ao mesmo tempo desigual e combinado graças aos processos globais (Haesbaert, 2005; Gomes 2001), em que muitas cidades tiveram seus papéis redefinidos na rede urbana em virtude da passagem do fordismo para o sistema de acumulação flexível (ReCiMe, 2007), as cidades de menores patamares hierárquicos (como as cidades médias) passaram a desempenhar também papéis complexos haja vista suas manifestações culturais serem transformadas em mercadorias e circuladas entre as outras cidades, articulando várias redes urbanas.

Todavia, como nos lembra Corrêa (2007), apesar da estreita relação entre cultura e urbano, nenhuma reflexão foi estabelecida sobre as imbricações entre, especialmente, a rede urbana e as manifestações culturais, pela geografia cultural norte-americana e tampouco pela geografia crítica a partir dos anos 1970. Esta pesquisa teve como principal objetivo analisar quais os limites metodológicos dos estudos de rede urbana no Brasil, e em especial na Amazônia.

Trata-se de uma pesquisa com base em análise documental e comparativa de três perspectivas teórico-metodológicas (IBGE, ReCiMe e NEPECAB) sobre a rede urbana, e em especial na (ou para a) Amazônia. Como os estudos de rede urbana enquadram-se na geografia urbana, assim como a cultura é foco de investigações da geografia cultural, logo procedeu-se à análise partindo-se de uma breve revisão de três linhas de pesquisa na geografia. Em outras palavras, recorreu-se à revisão teórica do urbano nas três perspectivas da geografia: a geografia cultural, a geografia marxista e a geografia (neo) positivista. Por conseguinte, parte-se a uma análise particular e interconectada a essas três perspectivas acerca dos estudos sobre o urbano no Brasil. Nesse sentido, evidencia-se os aspectos teóricos e empíricos dos estudos sobre a dimensão cultural e econômica do urbano, apontando-se quais as dimensões da realidade (econômica, social e política) predominam nos estudos enfocados quando considerada a realidade amazônica.

## **2 AS IMBRICAÇÕES ENTRE A CULTURA E O URBANO NA GEOGRAFIA: TRADIÇÕES, RUPTURAS E CORRELAÇÕES EM MARCHA**

Na busca de se compreender como a cultura e o urbano estão estreitamente interrelacionados, questiona-se sobre porque fatores a cultura não tem sido levada em consideração para os estudos da rede urbana. A cultura se constituiu em campo próprio da geografia cultural pelo menos a partir de 1925 com os estudos de Carl Sauer no âmbito da Escola de Berkeley, núcleo em torno do qual a geografia cultural norte-americana se fez hegemônica por mais de 50 anos (1925 até ≈1980) (Corrêa, 2003).

A geografia cultural norte-americana não esteve engajada em compreender a cultura numa perspectiva urbana, no sentido de explicar a relação entre as manifestações culturais e a cidade, e muito menos ainda no intuito de interrelacioná-los com a rede urbana e o processo de urbanização. Os pesquisadores da Escola de Berkeley na geografia preocuparam-se com a cultura na esfera do rural, do passado e das sociedades primitivas, cujos principais temas estudados foram, entre outros, as áreas culturais, a paisagem cultural, a história da cultura e a ecologia cultural (Corrêa, 2001).

---

<sup>2</sup> Segundo Corrêa (2006b) a duplicação é o processo de reprodução de traços culturais de um núcleo ou foco inicial em outras áreas. Quando esses traços não são mantidos na sua originalidade, ocorre o desvio, ao passo que a fusão é o processo de imbricação de um ou mais traços culturais.

A escola francesa, por sua vez, esteve preocupada em estudar as regiões, principalmente, tropicais e européias, enfatizando-se especificamente os gêneros de vida, as expressões e matrizes culturais (rurais) e as paisagens agrícolas. Nem mesmo a geografia urbana, que num primeiro momento (até antes de 1960) estudou as formas e as funções urbanas numa visão positivista e perspectiva econômico-espacial, analisou o urbano em sua dimensão cultural, ausência esta que perdurou mesmo depois de 1970 quando a geografia urbana passa a analisar os processos contraditórios e conflitos socioespaciais oriundos das formas e funções urbanas (Corrêa, 2007).

A incorporação da relação cultura-urbano pela geografia cultural se fez sentir a partir de 1970, paralelamente a sua renovação, na medida em que a cidade passa a ser estudada como marca, matriz cultural e texto. Sendo assim, segundo Corrêa (2007) citando Duncan (2000), a geografia cultural ao ser renovada tornou-se uma heterotropia epistemológica haja vista ter incorporado diferentes matrizes teóricas como Carl Sauer e Vidal de La Blache, além de filosofias do significado (com a geografia humanista) e da geografia social inglesa de base teórica no materialismo histórico.

Se a complexa relação entre a cultura e o urbano passa a integrar o campo de investigações e preocupações teórico-metodológicas da geografia cultural renovada, cabe analisar de perto esse processo, salientando brevemente as diferentes abordagens que cercam o tema e, em último estágio, possíveis limites que podem estar perpassando os estudos do urbano nessa linha da geografia mesmo depois da compreensão de outros conceitos de cultura<sup>3</sup>.

As perspectivas de estudos da dimensão cultural do urbano, com base em Corrêa (2006b; 2007), têm sido exaustivas sobre a interpretação da cidade como um texto a partir das figuras de linguagem como, por exemplo, “a cidade informacional” de Manuel Castells para descrever o processo de concentração de atividades quaternárias e decisão/control de ações em vários lugares. Somam-se a esse ângulo de estudo sobre o urbano, os enfoques sobre a construção da identidade cultural da cidade haja vista que, ao possuir uma particularidade que a torna distinta das demais, a cidade é reconhecida interna e externamente em virtude de sua organização social, política e espacial.

Outra perspectiva interessante diz respeito ao estudo do simbolismo comportado pela verticalização do espaço urbano face às ações dos promotores imobiliários que transmitem informações sobre prestígio, poder e legitimação nos objetos estéticos construídos para uma determinada classe. Foram desenvolvidas análises acerca da dimensão cultural das cidades globais, o que se constitui numa inovação dado o fato de que essas cidades têm sido fartamente estudadas sob o viés econômico. Assim, nos trabalhos de Redfield e Singer (*apud* Corrêa, 2006b), enfatiza-se o papel que as cidades globais detêm no processo de transformação cultural de suas áreas de influência a partir dos grupos sociais como os empresários e executivos das empresas transnacionais (1), os imigrantes oriundos de países terceiro-mundistas (2), pessoas especializadas em atividades culturais (3) e turistas nacionais e do exterior (4). Esses grupos interagem na esfera do mercado e do consumo, cujo papel de transformação das cidades globais em lugares centrais é conferido à mídia.

---

<sup>3</sup> De acordo com Claval (2001; 2002) a cultura passou a ser compreendida na geografia como: realidade individual e social gerada pelas informações transmitidas aos indivíduos e grupos pelos processos de comunicação (a); conjunto de leis estabelecidas que guiam a conduta de cada indivíduo na sociedade (b); como unidade gerada por costumes e ações comuns (c).

Sob este ponto de vista, as cidades globais são tanto o ponto de fluxo de cultura quanto as responsáveis pela reelaboração da cultura externa de países do terceiro-mundo. A transformação cultural tem laços estreitos com a acumulação de capital. A globalização da cultura, na perspectiva de Hannerz, possibilita o processo da hibridização cultural que está relacionado à combinação de diversidade (junção recente de tradições culturais históricas e geograficamente desiguais), interconectividade (interação entre significado e simbolismo formando inovações mercantilizadas) e inovação entre centro e periferia (impacto de formas simbólicas entre um e outro pelo processo de globalização que redefine a relação entre os dois circuitos) (*apud* Corrêa, 2006b).

Em síntese, o urbano em sua dimensão cultural passa a ser analisado na geografia cultural indo desde as figuras de linguagens, a construção da identidade cultural da cidade e o simbolismo da verticalização do espaço urbano. Essas perspectivas dizem respeito aos estudos entre a cultura e o urbano na escala do intra-urbano, ao passo que na escala do inter-urbano apenas as cidades globais são enfatizadas enquanto lugares de transformações culturais de outras cidades em seu entorno, como se as cidades médias, por exemplo, não tivessem a mesma capacidade de imprimir transformações das cidades globais ou ainda das metrópoles com seus respectivos níveis de classificação quando se considera uma hierarquia urbana.

Se não são enfatizadas as cidades “menores” enquanto capazes de imprimir novas dinâmicas ou ressignificações culturais de cidades maiores, logo não se enfatiza a dimensão cultural que a complexa rede urbana estabelecida implica na contemporaneidade. Por outro lado, mesmo se atendo somente a escala da dimensão cultural das cidades globais, a geografia cultural revela importantes aspectos que, como apontam as abordagens de Redfield, Singer e Hannerz (*apud* Corrêa, 2006b), deveriam ser levados em consideração na caracterização da rede urbana brasileira, em especial na Amazônia. Mas antes, cabe explicitar os rumos a que alguns estudos sobre a rede urbana têm reservado à geografia marxista e neopositivista, dando-se ênfase especificamente para o enfoque do urbano na Amazônia para, por conseguinte, suscitar-se a importância de novas abordagens sobre a rede urbana.

## **2.1 O reducionismo nos estudos do urbano na Geografia neopositivista e marxista: a rede urbana sob o olhar da quantificação e do economicismo**

A discussão sobre os estudos teórico-metodológicos do urbano na Amazônia tem perpassado a complexa escala com que a rede urbana no Brasil tem se (re) configurado no contexto contemporâneo. Nesse sentido, parte-se para a análise de três metodologias (IBGE, ReCiMe & NEPECAB) sobre a rede urbana que apresentam entre si diferenças de escalas tanto em termos teórico-metodológicos (critérios de análise) quanto empíricos (variáveis predominantes), sendo que apenas uma delas (NEPECAB) tem se restringido de maneira minuciosa à escala da rede urbana na Amazônia, para, por conseguinte, interagir em rede com a ReCiMe e estabelecer novas leituras sobre o urbano. De forma geral, essas três perspectivas estão direta ou indiretamente relacionadas entre si.

### **2.2.1 Na vanguarda dos estudos de rede urbana no Brasil: a metodologia do IBGE**

A metodologia mais tradicional de estudo de rede urbana partiu do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que estabeleceu dois grupos de pesquisas em termos de, entre outros aspectos, tamanho demográfico e hierarquia urbana. O primeiro grupo,

iniciado em 1966, comportava pesquisas que visavam, em primeiro plano, identificar os centros urbanos para, posteriormente, delimitar as suas áreas de influência. O segundo grupo, por sua vez, incorpora pesquisas que definiram na mesma abordagem tanto os centros urbanos quanto as suas regiões de influência (Brasil, 2007).

Como base teórica, os estudos do IBGE têm se assentado na perspectiva teórica de Michel Rochefort e a teoria das localidades centrais de Walter Christaller. São diversas as variáveis privilegiadas pelos dois grupos de estudos do IBGE, a saber: dados populacionais, comércio e serviços, atividade financeira, saúde, ensino superior, serviços de saúde, internet, redes de televisão aberta e transporte aéreo, além de, entre outras, lazer e espaços dedicados a realização de eventos (estas últimas incorporadas recentemente e em termos quantitativos).

Dessas variáveis, merece destaque a variável população. Na década de 1970, o IBGE instituiu esta variável como critério de classificação de cidades médias que comportariam de 50.000 a 250.000 habitantes (Sposito, 2001 *apud* Schor & Costa, 2007). No ano 2000, o número para a classificação sobe para 100.000 a 500.000 habitantes e as cidades do interior do Amazonas como Parintins, Itacoatiara, Autazes, Manacapuru e Coari, que até então eram classificadas como cidades médias, passam a assumir o patamar de cidades pequenas (Schor & Costa, 2007). Assim, a metodologia do IBGE estabeleceu tipologias de cidades e uma rede urbana sem conformidade com a realidade local, sendo por isso foco de sucessivas críticas, como se discute a diante.

### **2.2.2 Entre as cidades, a floresta e os rios: a metodologia do NEPECAB e os seus ajustes na metodologia da ReCiMe para o estudo da rede urbana na Amazônia**

Definir uma rede urbana apenas em termos demográficos, como propôs o IBGE, tem sido criticado por duas metodologias que estabelecem outras variáveis levando-se em consideração as especificidades que cercam a rede urbana, porém sem menosprezarem a variável demográfica. Trata-se da metodologia da ReCiMe- Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias, e da metodologia do NEPECAB- Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira. A primeira busca compreender como as cidades médias tiveram seus papéis redefinidos em virtude da passagem do sistema fordista para o sistema de acumulação flexível no Brasil a partir de 1990. Para tanto, mediante uma parceria entre pesquisadores de universidades chilenas, argentinas e brasileiras, estabelece uma série de variáveis econômicas e sociais distribuídas em eixos de análise como *Ramos de atividades econômicas representativas da atuação dos novos agentes econômicos (I)*, *Dinâmica populacional e mercado de trabalho (II)*, *Equipamentos e infra-estruturas (III)* e *Condições de Moradia (IV)* (ReCiMe, 2007).

Esses eixos agregam variáveis como: equipamentos industriais ou de tecnologia avançada, supermercados e hipermercados, serviços de saúde, educação superior, empresas da agricultura científica e do agronegócio, rede bancária e financeira, empresas de consultoria e do setor imobiliário; população, migração, emprego, IDH; shoppings centers, aeroportos, terminais intermodais e plataformas logísticas, rodovias de acesso e respectivos usos do solo, hotéis de redes nacionais e internacionais, distritos industriais e condomínios empresariais e, espaços fixos e transitórios para a realização de grandes eventos. Neste momento, a ReCiMe além de pautar-se numa análise demasiado economicista preocupa-se com a rede urbana brasileira, chilena e argentina.

Para a discussão sobre a rede urbana no contexto de mudança do sistema fordista para o flexível, estabelece-se o entendimento de que as cidades médias não se constituem apenas em espaços contíguos para os quais o transporte permite o deslocamento, em tempo e em espaço, de pessoas atraídas pelo consumo de bens e serviços lá ofertados, como também as telecomunicações tornaram as cidades médias conectivas com as demais. Assim, leva-se em consideração a contigüidade e a conectividade e as relações entre dois tipos de fluxos (materiais e imateriais, transportes e telecomunicações) que se articulam entre si. As cidades médias tiveram, pois, seus papéis reforçados ao mesmo tempo em que passaram a concorrer com outras cidades (Sposito *et all*, 2007).

Por conseguinte, de 2006 a 2008, o NEPECAB estabeleceu uma metodologia inovadora para o estudo da rede urbana na calha Solimões e Amazonas, a qual, porém, não é suficiente para compreender a complexa relação entre as cidades em seus diferentes níveis de realidade. Cabe a revisão do que consistiu essa proposta teórico-metodológica, evidenciando-se os resultados obtidos e os limites percebidos que se somam aos das metodologias já enfocadas.

Partindo da delimitação da rede urbana como área e objeto de estudo por conta das especificidades da região amazônica (regime hidrológico e meios de transportes), o Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira (NEPECAB) estabeleceu uma metodologia para o estudo da rede urbana da calha dos rios Solimões e Amazonas.

Trata-se de uma pesquisa em contraponto às noções esvaziadas de cidades médias estabelecidas para a região amazônica, pois parte de uma concepção crítica que revela a insuficiência de se utilizar somente o critério populacional para classificar as cidades médias e a rede urbana amazônica como estabelecido pelo IBGE, salientado anteriormente.

Argumenta-se que a classificação somente a partir de critérios populacionais seria demasiado simplista, pois a caracterização da rede urbana não é quantitativa em termos demográficos, mas sim relacional em termos de atuação que as cidades desenvolvem na rede. Porém, a variável população não é descartável, a qual foram relacionadas outras de ordem histórica, econômica, social e de funcionalidade. Daí ter sido definido um conjunto de doze arranjos institucionais como: dinâmica populacional, variáveis históricas, relações intra e inter-urbanas, serviços e comércio, tendências locais das atividades produtivas, arrecadação de impostos, insumos para a coleta da cesta básica regionalizada, índice da construção civil, produtos extrativistas, movimentos sociais- ONGS e práticas religiosas, estrutura intra- urbana e fluxo de transportes (Schor, Costa & Oliveira, 2007).

A análise desses arranjos possibilitou o entendimento da rede urbana como um conjunto de redes sobrepostas geradas pelos fluxos de pessoas, mercadorias, instituições e informações. Nesta gama de relações entre fixos e fluxos, as cidades participam com posições hierárquicas diferenciadas em virtude da variação da intensidade de suas atuações. Assim, a metodologia proposta condicionou o estabelecimento de tipologias respaldadas, teoricamente, no materialismo histórico-geográfico, de David Harvey (2004 *apud* Schor & Costa, 2007), isto é, das relações socioespaciais estabelecidas no território, cujo entendimento da estruturação da rede urbana torna necessária a implementação de políticas públicas para a construção da cidadania (Schor & Costa, 2007).

As tipologias propostas são de cidades médias e pequenas com as suas respectivas subdivisões. Cidades Médias de Responsabilidade Territorial- definidas como detentoras

de arranjos institucionais importantes para si e para as cidades em seu redor, cuja importância decorre do valor agregado pelo desenvolvimento histórico-geográfico da rede urbana. As Cidades Médias de Dinâmica Econômica Externa, por sua vez, são aquelas que se vinculam a outras cidades a partir de uma dinâmica econômica externa, cujo desenvolvimento não agrega valor a nível local tampouco a nível regional (Schor & Costa, 2007).

Em se tratando das cidades pequenas, três foram as tipologias. Cidades Pequenas de Responsabilidade Territorial que correspondem às intermediárias entre as médias e os aglomerados humanos em termos de fluxos de transporte e comunicações, bem como às cidades de fronteira por constituírem papéis e redes próprias. As Cidades Pequenas de Dinâmica Econômica Externa são caracterizadas pela economia voltada para a exportação de algum produto para a metrópole regional (Manaus-Am). As Cidades Dependentes são caracterizadas pela ausência de infra-estrutura necessária ao desenvolvimento de suas funções urbanas e pela localização geográfica desfavorável que as torna dependentes das demais (Médias e Pequenas de Responsabilidade Territorial) (Schor & Costa, 2007).

Para a proposição de tipologias de cidades, o NEPECAB se utilizou de um conjunto de variáveis entre as quais predominam as que são relacionadas aos aspectos socioeconômicos e em menor escala aos ambientais e culturais que são reduzidas ainda mais às práticas religiosas. As tipologias de Cidades de Responsabilidade Territorial e Dinâmica econômica externa, com suas respectivas posições na hierarquia urbana da calha Solimões e Amazonas, além das Cidades Dependentes (Schor & Costa, 2007), denotam a participação dessas cidades mais em termos econômicos.

O NEPECAB, recentemente, tem se integrado à Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias- ReCiMe no intuito de se acompanhar e aprofundar ainda mais as abordagens sobre a rede urbana da calha Solimões e Amazonas. Para tanto, está adaptando a proposta metodológica dessa Rede de Pesquisadores, anteriormente esboçada, para a realidade local. Por enquanto, essas adaptações estão repousando sobre os critérios econômicos da rede urbana.

As metodologias supracitadas revelam a preocupação em caracterizar a rede urbana. Todavia, constituem-se em perspectivas limitadas, pois não levam em consideração, reduzem ou tampouco identificam as variáveis culturais, impondo-se a possibilidade de reflexões acerca do conceito de rede urbana.

### **3 A REDE URBANA COMO HÍBRIDO: INOVAÇÕES NOS ESTUDOS DO URBANO NA GEOGRAFIA**

Se Corrêa (2006) ao discorrer sobre a periodização da rede urbana amazônica salienta que esta forma espacial se constitui numa materialização espaço-temporal desigual das instâncias da totalidade social, isto é, jurídico-política, econômica e ideológica, verifica-se que, com base nos limites metodológicos do urbano, aqui evidenciados, a instância ideológica compreendida enquanto hábitos, modos de vida e aspectos culturais, por exemplo, precisa ser incorporada nos estudos da rede urbana. Isto implica dizer que é necessário se verificar os períodos pelos quais a cultura tem trazido repercussões para a rede urbana, já que, segundo Corrêa (2006a), a combinação entre as instâncias da totalidade social não implica que cada instância se circunscreva no mesmo período de duração que as outras.

Assim, se a cultura em sua dimensão concreta (bens e artefatos culturais, por exemplo) e imaterial (identidades, significados, imagens, etc.) tem ingressado no circuito do dinheiro e da mercadoria como aponta, entre outros, Harvey (2007) e Hannerz (*apud* Corrêa, 2006b), logo se faz necessário verificar como e quais as cidades têm participado desse intenso processo de transformação da cultura em mercadoria ou na sua adaptação ao modo de produção capitalista.

Essa discussão sobre a incorporação dos aspectos culturais para os estudos de uma rede urbana decorre, sobretudo, do problema da escala em termos espaciais e temporais com que tem se verificado a intensidade dos processos. Castro (2001) destaca que por muito tempo na geografia a escala fora tratada em termos cartográficos, daí a idéia de escala gráfica que terminou por confundir a representação do fenômeno (mapa) com o próprio fenômeno. Todavia, isto não implica dizer que a escala não deve ser entendida como uma representação do real. De um lado, na acepção da autora, a escala corresponde a esta representação, e, por outro, trata-se de um problema de ordem epistemológica.

Nesse sentido, mais importante do que saber quanto muda, é compreender o que muda e como muda (Castro, 2001). Reiterando Castro (2001), mais importante do que saber quanto muda na rede urbana, uma das escalas de estudo do urbano (Corrêa, 2003), em termos de quantidade de bens, serviços e em termos estruturais, como as metodologias do IBGE (BRASIL, 2007), ReCiMe (2007) e NEPECAB (2007) preconizam, interessa compreender o que existe de mudança na relação entre as cidades e como se materializa essa mudança (rede urbana).

A tradição de estudos sobre a rede urbana decorre do próprio processo de urbanização iniciado no século XIX. Nesse período, a rede urbana se constitui como condição para a produção e consumo, permitindo através da comunicação a articulação entre as regiões. Nesse processo, uma importante cidade desenvolve no processo de produção ou circulação de mercadorias, funções diretamente relacionadas às “decisões locais de grupos econômicos ligados à produção e circulação de mercadorias e serviços” (Sposito, 1998). Daí o conceito de rede urbana ter sido definido exclusivamente a partir dos aspectos econômicos e políticos, constituindo-se mesmo numa forma espacial enquanto domínio político-econômico.

Todavia, a cultura pode contribuir na caracterização dessa forma espacial incorporando uma dimensão simbólico-cultural, já que, além de cidades que exercem centralidade no processo de produção/distribuição de mercadorias e serviços, existem cidades que são centralidades tanto no processo de formação/difusão de fenômenos culturais quanto na produção de formas simbólicas enquanto mercadoria, processo este que não é delimitado somente pelas cidades grandes, mas também por cidades de patamar hierárquico menor.

A rede urbana, mais que genericamente um conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si (Corrêa, 2006a), compreende uma forma espacial híbrida no sentido de que ao ser analisado o seu conjunto de cidades, verifica-se cidades com papéis muito fortes em termos de produção e distribuição de bens e serviços não só econômicos como também culturais.

A rede urbana se conforma enquanto materialização histórico-geográfica desigual das diferentes instâncias da totalidade social (econômica, jurídico-política e ideológica), isto é,



por um lado, nela se dá o controle político-econômico de determinadas cidades no processo produtivo de bens e serviços, como, por outro lado, também nela se manifestam cidades muito atuantes enquanto incorporadoras da difusão da dimensão simbólico-cultural que pode ou não estar contida nos seus bens e serviços produzidos. Isto não significa dizer que existam cidades melhores ou piores em termos de cultura, pois não existe cultura “melhor” ou “pior” (daí que cada cultura é própria e diferente a cada lugar).

Mas, a partir do momento em que a cultura é transformada em mercadoria pelo modo de produção capitalista, a materialidade desse processo, em termos espaciais, se delineará de maneira desigual, isto é, na forma de rede urbana, pois as cidades que, por exemplo, irão gerar e carrear riqueza para outros lugares serão aquelas mais assistidas pelos organismos públicos e privados em termos de investimentos maciços que estes fazem em marketing dos bens e manifestações culturais com vistas à satisfação de seus interesses econômicos. É neste sentido, que as dimensões política, econômica e cultural se interpenetram ou coexistem tornando complexa o processo de formação ou consolidação da rede urbana enquanto híbrido na Amazônia e em vários outros lugares.

## CONSIDERAÇÕES

Refletir sobre a relação entre a cultura e o urbano permite desdobrar não só a complexidade das espaço-temporalidades da sociedade contemporânea, como também a necessidade de se romper com as visões limitadas que cercam as subdisciplinas da geografia. Este rompimento deve se refletir no sentido de que tanto a rede urbana quanto a cultura não se constituem em objetos de pesquisas fechadas de determinada disciplina, pois o que diferencia uma disciplina de outra é a abordagem teórica que se pretende delinear. Neste sentido, torna-se possível elucidar numa mesma abordagem reflexões tanto de geografia cultural quanto de geografia urbana e econômica, e de áreas afins numa perspectiva integrada, o que torna possível uma releitura da totalidade social da qual a rede urbana na Amazônia e no mundo emerge como uma materialização espacial.

Esta integração entre as disciplinas supracitadas da geografia, e destas com as áreas afins empenhadas em compreender os diversos rumos dos processos sociais contemporâneos e as desiguais espaço-temporalidades destes, torna-se possível e necessária, haja vista que, especificamente, têm sido desenvolvidas visões economicistas e quantitativistas exacerbadas que, fruto da não interdisciplinaridade das perspectivas de estudos das linhas da geografia anteriormente elucidadas, caracterizam o urbano sem levar em consideração as especificidades desta região, particularidades estas que incidem num leque complexo e diversificado de manifestações, artefatos e bens culturais. Trata-se de se renovar e compreender teórico-metodologicamente os significados e as origens da rede urbana, considerando-se a coexistência dos aspectos econômicos, culturais e políticos que cercam a complexa inter-relação entre as cidades amazônicas.

Nesse sentido, é possível sinalizar a necessidade de uma “agenda” de pesquisa para a rede urbana na Amazônia, necessário se fazendo a incorporação das especificidades culturais desta região que ensejam variáveis culturais como: festas populares; músicas regionais; patrimônios históricos e culturais; padrões alimentares regionais; festas religiosas; centros de artes; artefatos e bens culturais, entre outros.

A divisão territorial do trabalho (DIT), uma condição tão necessária para o surgimento de uma rede urbana, ao lado de outras duas condições (fluxos e fixos) segundo Corrêa

(2006a), torna-se complexa na Amazônia quando a ela se articula as demais dimensões a partir de variáveis culturais. Um exemplo notório de como a cultura tem repercussões na rede urbana da calha Solimões e Amazonas diz respeito ao massivo Festival Folclórico dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso realizado anualmente na última semana de junho. Este festival movimenta parte da economia da cidade de Parintins e tem fortalecido o papel desta cidade no que tange à especialização de tarefas no processo produtivo de bens ou artefatos culturais necessários à realização da festa, o que retifica a idéia defendida por Redfield e Singer (*apud* Corrêa, 2006b) das cidades globais como as principais que encabeçam grupos sociais como empresários e executivos transnacionais, imigrantes oriundos de outros países, mão-de-obra especializada em atividades culturais e turistas, no processo de transformação cultural das áreas de influências.

O Festival Folclórico tem possibilitado à Parintins reforçar o seu papel de cidade média na rede urbana regional, bem como tem tornado complexa a relação desta com outras cidades no contexto amazônico, nacional e internacional, articulando-a via fluxos para a equiparação das necessidades de bens e serviços culturais de metrópoles regionais (Manaus-Am/ Brasil e Belém-Am/ Brasil) e de metrópoles nacionais ou cidades globais como, por exemplo, São Paulo-SP/ Brasil e Rio de Janeiro- RJ/ Brasil. Esta inter-ligação manifesta-se não somente em termos de mão-de-obra especializada que Parintins-Am detêm e que outras cidades (inclusive as metrópoles) necessitam, mas também em termos populacionais, de circulação de bens e mercadorias as mais diversas e de geração de riqueza, entre outros aspectos.

Essas são algumas informações que reforçam a necessidade de revisão da rede urbana na região amazônica não somente à luz dos eventos e bens culturais que cercam esta realidade, mas também à luz do papel da transformação cultural delineada pelas cidades médias (a exemplo de Parintins-Am/ Brasil) em relação às cidades ou metrópoles globais. Isto implica destacar que necessário se faz, quando desta releitura da rede urbana no contexto contemporâneo, levar em consideração também a dimensão simbólico-cultural oriunda da dinamicidade da relação entre as cidades em termos da rede urbana enquanto escala do urbano. Nesse aspecto, cabe a retomada das contribuições de Hannerz (*apud* Corrêa, 2006b) no sentido de que existe uma interconectividade entre significado e simbolismo, o que permite inovações mercantilizadas. Esta interconectividade em termos imateriais atrelados aos aspectos econômicos manifesta-se via rede urbana.

## REFERÊNCIAS

- Brasil, (2007) *Regiões de Influências das Cidades*, IBGE, Rio de Janeiro, 201p.
- Castro, I. E. (2001) 'O problema da escala', *in* I.E. Castro, P.C.C. Gomes, & R.L. Corrêa (Orgs.), *Geografia: Conceitos e Temas*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, pp.117-140.
- Claval, P. (2001) 'O papel da nova Geografia Cultural na compreensão da ação humana' *in* Z. Rosendahl, R.L. Corrêa (orgs), *Literatura, música e espaço*, EdUERJ, Rio de Janeiro, pp.35- 86.
- Claval, P. (2002) ' "A volta do cultural" na Geografia', *Mercator*, no. 1, pp. 19- 28.

- Corrêa, R.L. (2001) 'Carl Sauer e a Escola de Berkeley: uma apreciação' *in* Z. Rosendahl & R.L. Corrêa (Orgs.), *Matrizes da Geografia Cultural*, EdUERJ, Rio de Janeiro, pp.103-122.
- Corrêa, R.L. (2003) 'Uma nota sobre o urbano e a escala', *Território*, ano IV, no. 11, 12 e 13, 4p.
- Corrêa, R.L. (2006) 'O Estudo da Rede Urbana- Uma Proposição Metodológica' *in* R.L. Corrêa, *Estudos sobre a rede urbana*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, pp.15-57.
- Corrêa, R.L. (2006) 'O urbano e a cultura: alguns estudos' *in* Z. Rosendahl & R.L. Corrêa (Orgs.), *Cultura, Espaço e o Urbano*, EdUERJ, Rio de Janeiro, pp.141-165.
- Corrêa, R.L. (2007) 'A Geografia Cultural e o Urbano' *in* Z. Rosendahl & R.L. Corrêa (Orgs.), *Introdução à geografia cultural*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, pp.167-186.
- Haesbaert, R. (2005) 'Morte e vida da Região. Antigos paradigmas e novas perspectivas da Geografia Regional' *in* E.S. Sposito (Orgs.), *Produção do Espaço e Redefinições Regionais: A construção de uma Temática*, UNESP, FCT, GASPER, Presidente Prudente, pp. 9-33.
- Harvey, D. (2007) 'Passagem da modernidade à pós-modernidade na cultura contemporânea' *in* D. Harvey, *Condição Pós-moderna: uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*, Edições Loyola, São Paulo, pp.13-113.
- Gomes, P.C.C. (2001) 'O conceito de Região e sua discussão' *in* I.E. Castro, P.C.C. Gomes & R.L. Corrêa (Orgs.), *Geografia: Conceitos e temas*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.
- ReCiMe (2007) 'Manual de pesquisa- Trabalho de campo: orientações, procedimentos planilhas' *in* *Cidades Médias Brasileiras: Agentes econômicos, reestruturação urbana e regional*, UNESP, Presidente Prudente.
- Schor, T., Costa, D.P. & Oliveira, J.A. (2007) 'Notas sobre a Tipificação da rede urbana na calha Solimões-Amazonas', *XII Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional*, Belém, 13p.
- Schor, T. & Costa, D.P. (2007) 'Rede Urbana na Amazônia dos Grandes Rios: Uma Tipologia para as cidades na calha dos rios Solimões e Amazonas –AM', *X SIMPURB-Simpósio Nacional de Geografia Urbana*, Florianópolis, 21p.
- Sposito, M.E.B., Elias, D.S. & Beatriz, R. et all (2007) 'O estudo das cidades médias brasileiras: Uma proposta metodológica' *in* M.E.B. Sposito (Org.), *Cidades Médias: espaços em transição*, 1.ed., Expressão Popular, São Paulo, pp.35-67.
- Sposito, M.E.B. (1998) 'A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade', *Território*, ano III, no. 4, pp.27-37.